

APRESENTAÇÃO DO LIVRO “GOTAS DE VIDA” DO CORONEL CAMELO - MUSEU DO COMBATENTE

10 de Março de 2011

GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

Minhas Senhoras e meus Senhores

Quando há dias um amigo e camarada nosso me pediu uma introdução para um livro seu, que irá ser publicado dentro em breve, eu comecei o exórdio de uma forma que me apetece aqui repetir. Dizia eu:

“Portugal. Pequena palavra sem igual. É verdade que encerra em si uma história. Aprendemo-la. Mas ao aprende-la mal suspeitávamos que seríamos participantes activos na construção dessa mesma história. Por mais ou menos tempo dos nossos dias nós fomos cidadãos fardados. E as rugas históricas e humanas deste nosso país ficaram sempre muito mais marcadas quando elas foram escritas com o esforço hercúleo de portugueses que, de armas na mão, defenderam os seus valores e interesses vitais. Quantas vezes vitoriosos quantas vezes derrotados. Mas sempre portugueses de pé.”

Vem isto a propósito de vos pedir permissão para uma introdução à introdução do Livro do meu camarada e amigo Manuel Carmelo. Sou General português. Como tal vos cumprimento e saúdo. Faço-o de pé, tal como farei a apresentação do livro do meu amigo Carmelo. De pé, tal como os generais portugueses fazem hoje e fizeram, quando jovens se bateram em África, enquanto embaixadores, de países amigos, os atraíam apoiando com material bélico, os nossos opositores de então. E aí sim, tenho a certeza de que os embaixadores o faziam sentados, tal como certamente o fez, um embaixador dum país amigo em 2009. Algumas coisas mais poderia dizer sobre embaixadores sentados que conheci em funções que desempenhei, mas fico-me por aqui, repudiando a “raw information” porque nem de mísera “raw intelligence” se trata, que aquele senhor entendeu produzir, em proveito do seu país.

Minhas senhoras e meus senhores

O Coronel Manuel Jorge Carmelo, meu amigo e camarada de curso da Escola do Exército, acaba de escrever um livro a que deu o título de “Gotas de Vida”. É um livro que o senhor embaixador americano em Lisboa no ano de 2009, deveria ler de pé. Conhecendo o Homem e conhecendo o livro onde ele condensa a sua vida permito-me afirmar que a leitura do mesmo se transforma rapidamente no retrato de um homem e no caudal de uma vida.

Li e reli o livro. Se no prefácio eu afirmei que a obra é de facto um testemunho de vida onde se revelam tempos e espaços bem distintos e sucessivos. Um primeiro tempo de “rapazito” em espaço rural do Portugal “profundíssimo”. Um segundo tempo, do militar dos quadros permanentes das Forças Armadas, num espaço global. Finalmente, um terceiro tempo do cidadão reformado, em espaço nacional. Hoje acrescento que ele é cimentado e retocado por vivências e pode ser lido:

- Respirando o “cotim” da GNR que seu pai serviu e que ele nunca mais deixou de prosseguir e servir sempre que para isso teve oportunidade;

- Respirando o capim de África que ele e a sua geração se habituaram a ver e rever no cumprimento do seu dever;

- Respirando o frenesim da instrução e do comando e direção, quer de educação física quer de operações especiais;

- Respirando o jasmim delicioso de uma vida em família que roçou a dureza e as dificuldades impostas por uma guerra em África;

- E, a terminar, respirando o fim de uma carreira que ainda não terminou e ainda há dias se manifestava em carta ao jornal Expresso para criticar as aleivosias de um embaixador.

Em todos estes espaços e tempos o autor revela-se sucessivamente um verdadeiro retratista, um pintor e um poeta e acrescento hoje, fá-lo com a modéstia, a simplicidade, a sinceridade e o realismo de um beirão.

Sobre o “Cotim” que marca uma vida

Primeiro agarrado às calças da GNR, de seu pai e depois às suas próprias, pois o destino instintivo da juventude o levaria a servir ali mais do que uma vez. A leitura da sua escrita, neste primeiro tempo de vida, transporta-nos ansiosa e curiosamente para os factos, revelando um pormenor de descrição e frescura que nos cativa. Sublinho a imagem de uma mãe simples insuperável no apoio ao “rapazito”. De uma mãe coragem. Sublinho a forma com descreve a sua infância e, repito, o respirar do cheiro do “cotim” da GNR que seu pai usava. Revela-nos ele um verdadeiro retrato de uma sociedade rural e serrana do interior do país, nos anos quarenta do século passado. Neste espaço o herói, como afirmo no prefácio não nos surge da figura principal, o “rapazito”. Os verdadeiros heróis ressaltam do pai, da mãe e da “jovem professora”. Os primeiros, sacrificando-se totalmente para encontrar os meios. A professora, surge ela como descobridora de talentos e da forma como os apoiar. A descrição é abrangente do meio social em que se desenvolve e das dificuldades gritantes em meios económicos e financeiros, transportes, comunicações,

saneamento, tudo abrilhantado por uma visão juvenil e sempre atenta e curiosa sobre o sexo oposto!...

A forma natural e deliciosa como se refere a situações que poderiam ser indelicadas se não fossem simples e naturais. É tudo muito claro e fácil de entender como se estivéssemos a viver hoje, o que foi vivido há sessenta anos. Um verdadeiro retrato social do Portugal profundo dos anos quarenta. A dor, o sacrifício, as dificuldades não são do “rapazito”. Ele aparece vitorioso, como peça especial de um jogo responsável que “Amélia” e as “Marias” ajudam a minimizar e suavizar. É um tempo limitado e um espaço limitado (Trancoso e Guarda) mas muito intenso e muito duro para os atores. Descrito não como gotas, mas como um caudal da vida diária de uma família e de uma escola que é um verdadeiro retrato do que eram então muitas famílias e muitas escolas do interior do país.

Com o “Capim” e o seu cheiro impregnado numa geração

A estrutura do segundo tempo e espaço em que a obra revela o militar do quadro permanente, num espaço global, tem características diferentes. Trata-se de quadros, de cores fortes e térreas, que misturam a monção e o azul do Índico asiático com o vermelho e verde da África tropical, em tempo de guerra. O “CAPIM” e a mata que tanto nos protegem das vistas como nos fustigam e abafam são uma presença constante, mesmo quando não explicitamente referidos. Passa dos “Caramelos do BEMBE” aos homens de ZALA e BELAVISTA em comissões diferentes. O caudal transforma-se em episódios de uma vida dura de conflitos e guerras. Tanto mais se apreciam as descrições quando se conhece e viveu o mesmo ou ambiente semelhante. Sabe dar-se o valor, por exemplo, à operação “Esperança” por ele descrita e realizada nos Dembos. Área onde estivemos 21 meses, quatro anos antes. Nos Dembos não havia população apresentada e a que havia estava toda controlada pelos movimentos emancipalistas. O resultado da Operação Esperança, com a recuperação de 40 elementos da população é um verdadeiro êxito.

Estive em ZALA em 1963 onde estava com a sua companhia o nosso camarada de curso já falecido, Oliveira Correia e em que o quartelamento era uma trincheira onde se comia, se dormia e se lutava. Mais tarde foi ocupada pela sede de um Batalhão e até ali foi construída uma igreja. O ambiente em redor porém manteve-se sempre difícil. Refiro isto para enaltecer os resultados obtidos pelo Caramelo naquela área dos Dembos. O “rapazito” passara rapidamente a adulto, pois após a Escola do Exército, logo apareceu na Índia e rapidamente duas vezes em Angola e mais tarde em Moçambique. De realçar ainda que, nestes quadros, e mais uma vez, o herói do livro não surge através do ator principal, o militar. Surgem esses heróis materializados nos seus homens e muito especialmente a partir de certa altura, através da presença e sacrifício permanente de sua mulher e de seus filhos. Como é

complicado e ao mesmo tempo delicioso ler e reler a prosa e os poemas onde Zala, Vila Pimpa, Bela Vista, Nambuanguo e outras paragens dos Dembos são referidos.

À memória vêm-nos os momentos difíceis também vividos na mesma área anos antes (1963/64). Quatro comissões militares do autor da obra, em situações difíceis, de comando e de conflito são, por si mesmas, um crédito de competência e experiência como líder e como homem. Uma vez oficial superior, Coronel responsável e Comandante de uma unidade de elite o CIOE, revela-nos, agora já num espaço continental, um momento final que ele mesmo nos testemunha não aceitar ou pelo menos não compreender. Como afirmo no prefácio, para ele a subida dos Himalaias havia durado uma vida inteira e agora com o cume à vista, com confiança, com forças e com produtos pessoais disponíveis sentia-se capaz de chegar ao topo. As condições subjetivas de um ambiente duro e implacável não o permitiram.

A revolução havia sido dura para ele, mas a sua não ida ao curso superior de comando e direção marcaria uma inflexão brutal na sua forma de pensar. A rotura foi a decisão tomada. A passagem do ativo diretamente à reforma, a forma encontrada para a expressar. A intervenção pública acutilante a via usada. O fim de um percurso. O início da tentativa da demonstração de uma capacidade superior que a instituição que sentiu ter servido de alma e coração, acabava de lhe não reconhecer para atingir o generalato. Acabaria por ficar conosco até hoje, um Coronel de pé. Tratou-se de um tempo alargado de cerca de trinta e cinco anos passados como verdadeiro cidadão do mundo, num espaço global, ao serviço do seu país que lhe exigiu que pegasse em armas para o defender, o que fez no cumprimento do juramento que havia feito.

Dofrenesim da Instrução, Direção e Comando, à não passividade na reforma

As “Gotas da Vida” como disponibilidade para o pensamento, a lúcida expressão de conceitos e crítica surgem finalmente, quanto a nós, neste terceiro tempo e em espaço nacional. A vida não se reforma. Morre quando tem que morrer. Um tempo e um espaço que ainda hoje perduram. O tempo do Cidadão Reformado. Um tempo de libertação e um espaço de contestação e revolta. Gotas avulsas de uma tempestade bem forte de sentimentos e amarguras. Um tempo acutilante e de revolta intelectual que parece tudo querer destruir para construir de novo. Um espaço de afirmação e frontalidade que transforma o militar puro no militar político. No cidadão que entra pelo seu país dentro e pelas suas Forças Armadas dentro e revela os seus conceitos, capazes de revolucionar a arte e ciência, bases da escola secular militar que o formara. Os seus textos revelam coragem, sentido prospetivo e são de índole variada. Importante é na sua maior parte deles, analisar a relação entre os conceitos e o momento em que foram escritos, e concluir pela força, ou não da razão. E regra geral a sua razão tem força. Ele passa pela:

- Marcor, marcha que mata;
- Pelos recursos, o marketing e a organização militar;
- Pelo serviço militar, brincar aos soldados;
- Pelo aproveitamento dos coronéis;
- Era uma vez um coronel arguido;
- Não acredito senhor ministro;
- As Forças Armadas como macro-escola;
- Democraticidade e responsabilização com sinal menos;
- Tropa q.b.;
- Polícia, polícias, militares;
- Portugal está de luto;
- E o luto continua;
- No mínimo intrigante;
- Forças Armadas valerá “o Pena”?
- Serviço militar à borla!
- O monopólio da Pátria;
- Ódios éticas retrocessos;
- Revisão constitucional
- Defesa nacional;
- Senhor padre seja comedido;
- Editorial frontal,

são temas tratados que constituem as verdadeiras artérias do livro.

O cidadão reformado encontra ainda na poesia a forma mais eficaz de se tranquilizar e de continuar a expressar o que lhe vai na alma e o que viveu como militar e com os seus militares. A poesia toma então no final do livro o seu lugar de síntese de sentimentos do militar que sempre foi e que a prosa e a revolta, por mais libertação e “ego” que revelassem, não destruíram. As opções, os conceitos e os conselhos que atravessam a obra neste tempo do cidadão reformado, são tão inovadores e prospetivos como controversos e por isso ricos como motores e motivadores de discussão e de luz. Enfim, o livro do Coronel Jorge Caramelo mostra o militar competente e o cidadão responsável que não abdicou de expressar o que pensava, por vezes contra tudo e contra todos e que encontra no Retrato, na Pintura e na Poesia, os refúgios do militar e do cidadão. Utiliza uma prosa dura e direta de intervenção pública, com o apoio de uma família exemplar, para trazer a público as dificuldades da juventude, os sucessos e as incompreensões de uma vida militar e a expressão do que entende ser um serviço prestado ao país ao expressar as suas opiniões relativamente aos assuntos de Defesa e Segurança.

Embora tenha abordado esta apresentação na ótica do cotim, do capim, do frenesim e do fim de uma carreira, quero sublinhar a ótica que vos trouxe no prefácio onde é explícita a vertente verdadeira do “estudante e do retratista”, do “Militar e do pintor” e do “cidadão reformado interventor e do poeta”. No final não resistiu e deu uma pincelada à vida real atual e em quatro páginas aponta, regista,

propõe, dando voz aos que a não têm. Não termino esta minha intervenção sem que diga um seu poema:

Soneto dos Quarenta

*Toda a noite caminhámos sem parar
Refrescados por cacimbo penetrante
Alumiados pela lua minguante
No silêncio dos bichos e das fardas a roçar
O capim alto. Caminhos encruzilhados
Labirinto de uma Angola ensanguentada
Por terras que dariam mais que nada
Aos povos que viviam humilhados
O nome de código era Esperança
A vontade era ajudar a entender
Que estavam perto os ventos da mudança
Quarenta aceitaram vir viver
Transportados ao dorso em segurança
Puderam finalmente escolher.*

Finalmente permitam-me que diga um poema meu dedicado neste momento ao Caramelo e que consta do meu livro recentemente publicado “ Há sempre um vapor acostado ao cais”: O poema chama-se:

O Teu Livro

*Como é forte o sentimento
De ter posse e ter prazer
Olhar pela montra dentro
Ver um amor. Não o ter
Foi só teu na solidão
Da escrita e do papel
Hoje é da multidão
Deixou de te ser fiel
Concebido, Parido a sós
Esperma do pensamento
Deixou-se iludir por vós
Não é teu. Já é do tempo*